

# RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CÁRCERE: DESAFIOS E LUTAS PELO ACESSO À SAÚDE E DIREITOS BÁSICOS

## REPORT OF EXPERIENCE IN PRISON: CHALLENGES AND STRUGGLES FOR ACCESS TO HEALTH AND BASIC RIGHTS

ROSELAYNE CASTRO DE SOUZA<sup>1</sup>



### Resumo

Aqueles que sobrevivem ao cárcere abrangem uma ampla gama de pessoas afetadas pelo sistema prisional, não apenas atravessando-o, mas também enfrentando os estigmas que ele traz consigo. Estes sobreviventes incluem familiares de indivíduos em prisão, pessoas que cumpriram suas penas e continuam sua jornada após a experiência prisional, e aqueles que ainda estão em situação de reclusão. Neste relato de experiência, são destacados os desafios e as batalhas enfrentadas na busca pelo acesso à saúde e aos direitos fundamentais. As narrativas apresentadas são provenientes de familiares de pessoas que passaram pelo sistema prisional, indivíduos que superaram o período de prisão e estão reconstruindo suas vidas, bem como pessoas em regime de liberdade restrita, mostrando a diversidade de experiências e perspectivas nesse contexto.

**Palavras-chave:** Cárcere; Direito; Saúde.

### Abstract:

Those who survive incarceration encompass a wide range of people affected by the prison system, not only navigating it but also facing the stigmas it brings with it. These survivors include family members of individuals in prison, people who have served their sentences and continue their journey after the prison experience, and those who are still in a situation of incarceration. In this experience report, the challenges and battles faced in the search for access to health and fundamental rights are highlighted. The narratives presented come from family members of people who have been through the prison system, individuals who have overcome their period of imprisonment and are rebuilding their lives, as well as people under restricted freedom, showing the diversity of experiences and perspectives in this context.

**Keywords:** Prison; Right; Health.

### Introdução:<sup>2</sup>

O sistema carcerário do Brasil carrega um histórico de tortura desde sua criação. Não à toa, existem determinantes históricos, mediados pelo Estado, para os sujeitos atingidos por esse sistema. Isso quem vai nos dizer são Simas e Fernandes (2022), em seu trabalho sobre prisões e a política de enfrentamento à tortura no Brasil. Partindo dessa

---

<sup>1</sup> Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM). E-mail: roselayne.servicosocial@gmail.com

<sup>2</sup> Este trabalho contou com apoio e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)



concepção, o artigo buscou relatar as experiências e as descobertas no campo vivenciadas pela pesquisadora e seus interlocutores, durante atividades desenvolvidas com movimentos sociais e o grupo de pesquisa ILHARGAS – Cidades, Políticas e Violências, nos meses de janeiro a fevereiro de 2023, onde ambos a pesquisadora atua e realizou visitas e orientações sociojurídicas a familiares de pessoas presas, egressos do sistema prisional e presos em regime aberto (domiciliar).

São apresentados os desafios e as lutas enfrentadas por essas pessoas na busca por saúde e direitos básicos no cárcere. Considerando todos como agentes atingidos pelo sistema prisional. Por isso, priorizamos além dos relatos dos presos e egressos, aquilo que os seus familiares – ao acompanharem-nos durante esse processo – tem a dizer, incluindo perspectivas que atravessam os muros das prisões.

As entrevistas ocorreram de forma etnográfica – Esse é um método amplamente reconhecido nas áreas de ciências sociais. Uma abordagem etnográfica envolve uma experiência completa no contexto de estudo, levando em consideração perspectivas, práticas verbais e não-verbais, bem como as dinâmicas sociais entre as pessoas envolvidas – o que permitiu à pesquisadora observar e interagir com os participantes em seu ambiente cotidiano (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa foi realizada em diferentes zonas, bairros e ocupações da cidade de Manaus. É importante ressaltar, que essa pesquisa só foi possível pela atuação da pesquisadora em movimentos que pautam o abolicionismo penal e coletivos de familiares de pessoas presas. Dos quais, ensinaram muito à pesquisadora sobre encarceramento, prisões e principalmente as formas como as trocas de informações funcionam dentro de movimentos sociais e para sujeitos marginalizados pelo Estado. A ideia de marginalidade usada neste trabalho parte das concepções de Becker (2008), da qual em português o termo outsiders foi traduzido por marginais e desviantes, assinalando pessoas que estão à margem do Estado, do lado de fora, para além de fronteiras ou limites sociais.

Além das experiências das visitas, foram acrescentadas neste trabalho a descrição de uma oficina sobre direitos básicos no cárcere, especialmente os direitos de saúde e alimentação no sistema prisional de Manaus. Que ocorreu a partir do contato entre o projeto Cosmopolíticas do Cuidado no Fim-do-mundo e o grupo de pesquisa ILHARGAS: Cidades, Políticas e Violências vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em parceria com o Coletivo de Familiares e Amigos de Presos e Presas do Amazonas (FAPAM) que, desde 2019, vem desenvolvendo um trabalho intenso de denúncia das violências e violações dos direitos



humanos que ocorrem nas unidades prisionais de Manaus, com pessoas presas e seus familiares.

Para preservar a identidade de todos os envolvidos nesse relato, os seus nomes foram substituídos por nomes de pássaros, representações comumente usadas pelos movimentos abolicionistas penais, fazendo metáfora da liberdade do pássaro fora e dentro da gaiola.

Falar sobre encarceramento e suas nuances ainda impõe muita dificuldade. Por isso, trabalhos que fomentam essas temáticas são de extrema importância. Principalmente, quando conseguem ecoar as vozes dos sobreviventes desse sistema. Por sobreviventes, entendemos neste trabalho, todos aqueles que tiveram suas vidas atravessadas de alguma forma pelo cárcere, e que foram exigidos não só passar por esse sistema, mas sobreviver a ele.

### **Experiências, relatos e aprendizados no campo de pesquisa**

As experiências no campo de pesquisa são divididas pelos interlocutores: familiares de pessoas presas, egressos do sistema prisional e pessoas em regime aberto. Para chegar em pessoas que passaram pelo sistema prisional ou ainda cumprem pena, o primeiro acesso é através da família que geralmente são os responsáveis por muitas mediações do lado de fora.

Durante a pesquisa foi possível perceber nas falas dos interlocutores a referência ao “lado de fora” para tudo aquilo que não está dentro dos muros das prisões e “lado de dentro” para tudo que se refere ao período dentro das prisões. Porém, não é como se fossem realmente dois mundos separados. A dicotomia "lado de fora" e "de dentro" da prisão refere-se à ideia de que a prisão é muitas vezes vista como um mundo isolado, separado da sociedade hegemônica. No entanto, pesquisadores têm destacado que essa separação não é tão clara, pois as interações entre a prisão e o “lado de fora” são complexas. Presos, funcionários e até mesmo influências externas afetam o ambiente prisional. Além disso, existe um debate sobre se as características da cultura prisional são realmente únicas ou se são moldadas por influências externas. Em resumo, essa dicotomia nos faz repensar essas relações, questionando a visão tradicional de isolamento (GODOI, 2023).

Quando falamos de familiares estamos falando de uma grande maioria de mulheres negras, moradoras da periferia da cidade e sem uma renda fixa. São mulheres



que acabam dedicando grande parte da sua vida para esses cuidados, “puxam cadeia” juntamente com quem está enfrentando problemas com a justiça. A expressão "puxar cadeia", frequentemente utilizada por alguns familiares para descrever suas vivências, comunica um impacto duplo. Por um lado, aponta para a mudança das dinâmicas dentro da prisão e para como suas vidas são afetadas e transformadas por essa experiência. Nesse contexto, o papel central desempenhado por essas mulheres é evidente tanto em termos quantitativos, devido à grande presença feminina, quanto qualitativos, ao revelar as razões subjacentes para essa configuração de gênero. Além disso, explora os significados subjetivos dessa situação e como ela afeta as relações sociais de poder (SILVA, 2021).

Por isso, são a porta de entrada para muitos desses contatos, são mulheres que têm o conhecimento das regras de funcionamento da prisão e que por visitarem acabam tendo outras percepções sobre esses espaços. São criminalizadas por parte da sua comunidade, família, amigos e trabalho (SILVA, 2021).

A maioria das conversas ocorreram em suas casas, os encontros foram mediados pelos movimentos sociais que, durante os momentos de troca, prestavam orientações jurídicas. Todas as conversas passaram por momentos de graves denúncias de violação dos direitos humanos. Entre elas, a saúde emergiu como uma preocupação recorrente, sendo uma temática que atravessa o sistema carcerário – e quanto ao recorte que nos interessa –, tem particularidades no que diz respeito ao seu atendimento. E apesar do direito à saúde pela população privada de liberdade ser garantido pela Constituição Federal de 1988, pela Lei 8.080/1990 que regula o SUS e pela Lei 7.210/1984, Lei de execução penal, a realidade vivenciada não condiz com a aplicação dessas.

Suas demandas coletivas destacam uma série de lacunas profundas e urgentes dentro do sistema de saúde carcerário. Entre essas lacunas, temos a ausência de testagem e diagnóstico adequados, que são essenciais para o controle de doenças infecciosas e crônicas. Além disso, há uma carência significativa no atendimento de urgência e emergência, o que coloca os detentos em risco diante de situações médicas graves. Dificuldade de acesso a medicamentos prescritos é uma preocupação adicional, pois compromete a continuidade do tratamento e a saúde geral dos indivíduos. Necessidade de acompanhamento de comorbidades, como diabetes e hipertensão, é fundamental para prevenir complicações graves, mas muitas vezes é negligenciada no ambiente prisional. Escassez de acompanhamento psiquiátrico é outra falha significativa, considerando a alta prevalência de problemas de saúde mental entre os detentos.



Outro problema é o déficit na qualidade da alimentação contribui para a deterioração da saúde física e mental dos presos, exacerbando os desafios já enfrentados no contexto carcerário. O que destaca a necessidade urgente de reformas abrangentes no sistema de saúde prisional, visando garantir o acesso equitativo e eficaz aos cuidados médicos básicos e especializados para todos os detentos.

Em seus relatos essas negligências aparecem como:

Pardal: “A gente passava e via aquele monte de comida estragada, era marmita jogada em tudo que era canto, a comida já descia podre, eles muitas vezes preferiam passar fome” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Gaivota: “Quando pararam de deixar a gente levar a comida, eles guardavam a comida deles para dividir com a gente. Eles sabiam que a gente vinha sem comer por causa do body scanner” (PESQUISA DE CAMPO, 2023)

Pardal: “Mana o corpo dele estava todo marcado, teve uma época que um bocado deles pegou essa coceira” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Rouxinol: “Passaram algumas semanas e ele já tinha perdido mais de 40kg, sabe o que foi pra mim ver ele desse jeito? eu quase não reconheci” (PESQUISAS DE CAMPO, 2023).

Em consonância com a fala das familiares, o relatório de inspeção dos estabelecimentos prisionais no estado do Amazonas, realizado em 2022, pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) expõe as mesmas questões colocadas dessa vez pelos próprios presos. É ressaltado também a proibição da entrada de alimentos e de materiais de higiene, que antes eram entregues pelos familiares dos presos. Isso é um fato importante que veio crescendo a partir de 2017, e aparecerá nos relatos das familiares como comparações do antes, do depois e do agora nas prisões de Manaus.

Sendo um destaque, a alimentação marca muito os dias de visitas que antes eram momentos de trocas e lazer entre os presos e seus familiares, mas, além disso, era uma fonte de renda para as familiares, que muitas vezes, eram pagas para preparar alimentos de outros presos. Algumas dessas mulheres citam essa função como uma forma de custear seus gastos com os transportes para as visitas. No contexto prisional de Manaus, o termo “futuro” é usado para se referir aos itens que as pessoas presas recebiam de suas familiares, incluindo alimentos prontos ou para preparo posterior, artigos de higiene pessoal, remédios, produtos de limpeza e vestuário:

Rouxinol: “A gente chamava de futuro. O futuro era uma oportunidade de visitar.” (PESQUISAS DE CAMPO, 2023).



Em 2017, ocorreu um massacre considerado o maior do Amazonas, resultando em diversas mortes de presos, o que foi amplamente divulgado pela imprensa como a Folha de São Paulo, El País Brasil, BBC, entre outros. Apesar de não ter sido o foco das nossas conversas, ele aparece como um marco temporal das dinâmicas das prisões, assim como o fechamento da Cadeia Pública Desembargador Raimundo Vidal Pessoa.

Canário: “Tudo mudou muito! Em 2018 a entrada de remédio era permitida, um de cada” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

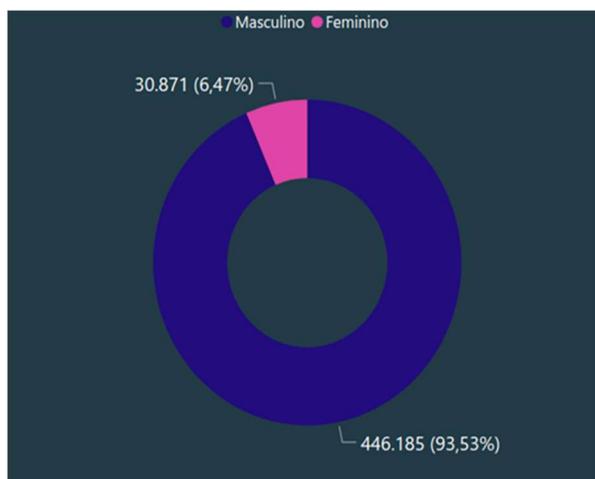
Pardal: “Anterior a 2018 era melhor ainda, existiam as vendas...” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Rouxinol: “Em 2019, depois daquilo, entrava o material de limpeza e 1kg de alimento.” (PESQUISAS DE CAMPO, 2023).

Isso reflete diretamente o processo de restrição progressiva da entrada de alimentos e medicamentos nas prisões de Manaus, até culminar em sua proibição total. As informações compartilhadas pelas familiares destacam que essa proibição está diretamente relacionada à deterioração do acesso à saúde da população carcerária.

Quando voltamos para as experiências dos egressos, é importante mencionar que o contato com eles envolveu uma série de deslocamentos pela cidade. Embora a maioria dos egressos seja composta por homens, também se estabeleceu contato com algumas mulheres egressas e aquelas que ainda estão cumprindo pena. Esse contato variado nos permitiu obter uma visão mais abrangente das questões enfrentadas pelos egressos e egressas, ampliando nossa compreensão das complexidades do processo de reintegração após a saída do sistema prisional.

**Gráfico 1:** Total de vagas por gênero.



Fonte: SISDEPEN (2022).



Boa parte dos interlocutores dessa pesquisa são moradores de uma ocupação em Manaus alvo da violência policial, o que levou a muitas voltas no local. Dentre todas as visitas, a de maior destaque, reuniu uma fila com mais de 15 pessoas à procura de consulta processual. A grande maioria não sabia quais eram os crimes pelos quais estavam sendo acusados, não conseguiam contato com a defensoria e não sabiam o andamento de seus processos criminais. O que fez com que se surpreendessem ao saber que estavam sendo solicitados a comparecer no dia seguinte à Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização.

Relataram a questão da violência policial e como a tornozeleira de monitoramento eletrônico os tornavam alvo das agressões policiais:

Bem-te-vi: “Antes eles entravam aqui e quebravam a casa de todo mundo, pegava os caras e enchia de porrada. Mas depois que construíram esse muro eles ficaram com medo de sujar a bota” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Apesar do espaço ser construído por um programa do governo para promover a recuperação interna e externa de domicílios em situação inadequação habitacional, existem dentro dele ocupações construídas por pessoas que não conseguiram ser beneficiadas pelo programa. Essas ocupações não contam com estruturas de saneamento básico e são rodeadas por córregos. A construção do muro mencionado, é utilizada para separar essa parte de uma empresa, o lado do muro da ocupação é uma região com muitas folhas, resíduos sólidos, dejetos humanos e acúmulo de águas pluviais. Os espaços de ocupação costumam gerar muitos impactos pela falta de uma estrutura convencional das casas.

O sucesso do trabalho realizado pelos movimentos sociais é evidente pelo grande número de pessoas que buscaram esse atendimento. Essa procura foi viabilizada pela realização das atividades no próprio local de residência dessas pessoas, já que muitas demonstram receio em se deslocar para outras áreas da cidade. Essa abordagem localizada não apenas facilitou o acesso dos indivíduos aos serviços oferecidos, mas também fortaleceu o vínculo de confiança entre os movimentos sociais e a comunidade atendida, contribuindo para uma maior adesão e eficácia das iniciativas promovidas.

Realizar essas visitas mostrou a pesquisadora a realidade local, como essas pessoas são atravessadas por inúmeras vulnerabilidades. Encontramos um reflexo da



marginalização e empobrecimento da sociedade. É uma triste constatação de que a prisão, longe de ser uma solução eficaz, muitas vezes age como um imã para aqueles que já enfrentavam uma série de desafios socioeconômicos. A prevalência desproporcional de pessoas negras atrás das grades lança luz sobre a intersecção de raça e classe neste quadro. A prisão se tornou uma armadilha, perpetuando um ciclo vicioso de desigualdade.

### **Oficina direitos e saúde no cárcere**

A oficina "Direitos e Saúde no Cárcere" foi realizada em uma área mais central da cidade, com convites estendidos a todos os interessados, inclusive aqueles que já haviam estabelecido contato prévio com os movimentos sociais. A atividade teve início pela manhã e se estendeu até o final da tarde, reunindo um grupo de pouco mais de 15 pessoas, incluindo as próprias militantes que organizaram o evento. Três articuladoras se encarregaram de conduzir a oficina, que foi estruturada em duas partes distintas para melhor abordagem dos temas propostos. Essa iniciativa demonstrou a importância do engajamento e da colaboração entre os movimentos sociais e a comunidade para promover o empoderamento em relação aos direitos e à saúde dentro do sistema carcerário.

Na primeira fase do evento, foi organizado um café da manhã que reuniu familiares, sobreviventes e membros do coletivo FAPAM, proporcionando um ambiente propício para trocas e interações entre aqueles que ainda não se conheciam. Na segunda etapa, foram apresentadas as orientações da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional (PNAISP), junto com as resoluções que garantem direitos relacionados à saúde, alimentação, educação, trabalho e à família. Durante esse período, também foram compartilhados dados e informações provenientes da Secretaria de Administração Penitenciária do Amazonas (SEAP-AM), bem como o modelo de gerenciamento das instalações carcerárias. Após as discussões, os participantes desfrutaram de um almoço conjunto, fortalecendo os laços de colaboração e engajamento entre os envolvidos no evento.

Entre tantas trocas, algumas falas chamaram a atenção:

Tucano: “Um cara ficou doido lá dentro, ele chorava dia e noite, estava a 17 anos sem ser julgado e sem ninguém” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).



Cardeal: “A polícia jogou spray de pimenta no peito dele, ele desmaiou. Depois disso ficamos sem visitar e Assistente Social negou tudo” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Tuim: “A gente passava o dia fedendo, não tinha um desodorante depois de um dia inteiro de calor” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Tucano: “Eu andava de cabeça baixa, nunca olhava nos olhos deles. Então, nunca me meti em confusão, mas tinha preso que era muito gaiato... Era só ficar calado e de cabeça baixa que nada acontecia” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Tucano: “Eu nem sabia, mas estava foragido, sendo que sempre tive endereço fixo e no mesmo lugar” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Curió: “Ficavam 17 pessoas juntas, eu dividia com um cara uma cama de casal na pedra, um tem que cuidar do outro e o resto fica no chão” (PESQUISA DE CAMPO, 2023).

Nas falas percebemos muitos dilemas que devem ser discutidos, a brutalidade policial e o isolamento são os primeiros deles. O relato de Cardeal revela uma triste realidade dentro das prisões, onde a violência policial pode ser desenfreada e impune. O uso excessivo de força, como o incidente do spray de pimenta, não apenas resulta em danos físicos imediatos, mas também gera um efeito cascata de consequências. A pessoa presa desmaiada fica privada das visitas, das quais sempre ressaltam a importância, enquanto a negação da assistência social exacerba ainda mais o isolamento e esconde a realidade da família que é a principal rede de apoio aos presos.

As condições precárias de higiene trazidas por Tuim lançam luz sobre as condições desumanas enfrentadas pelos detentos, em particular a falta de higiene básica. A ausência de desodorantes após um dia inteiro de calor e atividades, não apenas compromete a saúde física, mas também impacta a autoestima e dignidade. Esse relato aponta para a necessidade urgente de proporcionar condições mais dignas dentro das prisões, garantindo acesso a produtos básicos de higiene, que foram proibidos de serem levados pela família. Afinal, a manutenção da saúde e higiene é um direito fundamental para qualquer indivíduo, independentemente do contexto em que esteja.

A cultura de medo e estratégias de sobrevivência no testemunho de Tucano destaca uma realidade complexa dentro das prisões, onde uma cultura de medo pode prevalecer entre os detentos. A estratégia de andar de cabeça baixa e evitar conflitos como forma de autoproteção revela o ambiente hostil em que muitos detentos se encontram. É importante dizer que Tuim não reconhecia explicitamente que era uma violência da qual sofria, mas durante a oficina foi compreendendo as atitudes que pareciam sutis como forma de tortura da qual já tinha se habituado.



O relato de Tucano sobre estar foragido sem seu conhecimento destaca uma falha grave e preocupante no sistema de justiça. O fracasso burocrático e a falta de transparência nesse cenário resultaram em uma situação injusta. Esse exemplo enfatiza a importância de processos legais claros e eficazes, nos quais os detentos tenham acesso à informação sobre sua situação legal. A transparência é fundamental para garantir que os direitos dos detentos sejam protegidos.

O relato de Curió sobre dividir espaço com 17 pessoas destaca a extrema superlotação dentro das prisões e a necessidade de solidariedade entre as pessoas presas. A divisão de uma cama de casal entre dois indivíduos, enquanto outros se acomodam no chão, ilustra a falta de espaço e recursos básicos.

Apesar do Movimento de Reforma Sanitária Brasileira (MRSB) ter reivindicado uma estruturação através de um Sistema Unificado, a saúde como direito social e dever do Estado, descentralização do poder decisório para as esferas estadual e municipal e novos mecanismos de gestão (Bravo; Menezes, 2013). Assim como, os diversos movimentos sociais lutaram pelo direito ao acesso à saúde de forma igualitária. Percebemos que ainda hoje como Souto e Oliveira (2016) elucidaram com o projeto de globalização neoliberal que restringia direitos e focalizava as políticas sociais, esses relatos destacam as complexidades e desafios do sistema carcerário, ressaltando o quão distante esse modelo está de garantir o acesso à saúde e direitos básicos das pessoas presas e seus familiares.

### **Considerações finais**

À luz das experiências compartilhadas e das descobertas reveladas ao longo deste estudo, torna-se inegável a extensão dos desafios enfrentados por aqueles que vivenciaram o sistema carcerário brasileiro, mais especificamente da cidade de Manaus. O presente trabalho, fundamentado em um mergulho etnográfico entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023, buscou iluminar as vozes silenciadas, trazendo à tona os relatos dos que enfrentam os desafios diários da busca por saúde e direitos básicos.

A abordagem etnográfica empregada nesse estudo permitiu uma compreensão mais holística e intimista das realidades enfrentadas pelos presos, egressos e seus familiares. Ao escavar as camadas do cotidiano prisional, fomos apresentados com relatos que transcendem as paredes das prisões. As experiências compartilhadas durante as visitas e as orientações sociojurídicas fornecem um vislumbre das adversidades



enfrentadas por aqueles que, frequentemente marginalizados, enfrentam um sistema complexo e opressor.

Uma das necessidades de colocar as experiências dos sobreviventes está na realidade do distanciamento e da dificuldade de estabelecer contato com as sobreviventes mulheres, se acima foi relatado que os contatos são estabelecidos a partir da família, precisamos mais uma vez dizer que essas mulheres não são acompanhadas, pelo contrário, as experiências nos movimentos sociais mostram que o perfil das familiares é de mulheres, mas o perfil de quem recebe o apoio da família é majoritariamente de homens. O que revela o abandono e a forma como os papéis de gênero se apresentam diferentes nessa relação de cuidado e companheirismo.

Ainda assim, a voz coletiva das narrativas compartilhadas neste estudo é um chamado à ação. Reconhecer que o sistema carcerário não é um problema distante, mas uma realidade que nos convoca a refletir sobre nossa responsabilidade social. À medida que nos despedimos dessas páginas, somos lembrados de que o encarceramento não é apenas uma questão de cumprimento de pena, mas uma batalha pela sobrevivência, uma busca por sobrevivência e um apelo por transformação. A voz dos sobreviventes ecoa através das páginas deste trabalho, nos instigando a reconhecer o viés punitivista que o sistema carcerário a anos assume.

**Data de Submissão:** 12/04/2024

**Data de Aceite:** 02/12/2024

### Referências

BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRAVO, M. I. S.; MENEZES, J. S. B. A política de saúde na atual conjuntura: algumas reflexões sobre os governos Lula e Dilma. In: SILVA, L. B.; RAMOS, A. **Serviço Social, Saúde e questões contemporâneas: reflexões críticas sobre a prática profissional**. Campinas-São Paulo: Papel social, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Relatório de inspeções: estabelecimentos prisionais do estado do Amazonas**. Brasília: CNJ, 2022. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/12/relatorio-de-inspecoes-estabelecimento-prisionais-do-estado-do-amazonas.pdf>>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: 10.11606/T.8.2015.tde-05082015-161338. Acesso em: 04 de março 2023.

SILVA, Mariana Lins de Carli. **"Puxar cadeia junto": significados do protagonismo de mulheres familiares de pessoas presas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003075682> Acesso em: 04 agosto de 2023.

SIMAS, N. F. FERNANDES, I. S. Prisões e a Política de Enfrentamento a Tortura no Brasil. In: CONCEIÇÃO, J. R. RUIZ, J. L. S. **Serviço Social e Prisões: dimensões e desafios políticos e profissionais**. Campinas: Saberes e Práticas, 2022.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

